

## O CONTO FEMININO CONTEMPORÂNEO NO BRASIL: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO<sup>1</sup>

Tamiris Slongo Prass<sup>2</sup>  
Marta Lia Genro Appel<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente projeto de pesquisa está atrelado à bolsa Probic/Letras, faz parte do projeto “O CONTO LATINO-AMERICANO CONTEMPORÂNEO: a escrita feminina/2010” e tem como objetivo apontar características do conto feminino contemporâneo no Brasil. A partir da informação registrada, far-se-á a apresentação dos primeiros apontamentos já realizados sobre o conto feminino contemporâneo no Brasil. Este projeto, dessa forma, enseja dar continuidade à pesquisa que vem sendo realizada há dois anos sobre o referido tema. As leituras, de fato, identificam na escrita feminina a representação do espaço ocupado pela mulher em diversos segmentos sociais da atualidade. Desse modo, a seleção das autoras e seus contos se constituem como referencial das análises que se pretende realizar, à luz dos pressupostos teóricos que respaldam a pesquisa. Os novos tempos passaram a exigir da mulher mais empenho e sobrecarga de funções, dentro e fora do âmbito familiar. Mas a sua atuação em diferentes segmentos sociais, de fato, é algo inovador e que merece ser mais bem assimilado. Apontam-se considerações em relação à escrita feminista, focando em especial, contos de escritoras brasileiras contemporâneas, como: Cintia Moskovich, Marina Colasanti, Jane Tutikian entre outras. No material analisado, visou-se à busca de fatores que demonstrassem a existência da escrita feminista com suas específicas particularidades. Assim, a pesquisa apresenta seu caráter investigativo e tem por fim, contribuir com os estudos culturais da atualidade.

**Palavras-chave:** Escrita feminina. Representação. Contemporâneo. Leitura.

**Abstract:** This research project is tied to the purse PROBIC / Letters, is part of the project “THE TALE LATINO - AMERICAN CONTEMPORARY: writing feminina/2010” and aims to point out features of the contemporary female story in Brazil. From the information recorded far will be the presentation of the first appointments already made the tale about contemporary women in Brazil. This project, then, gives rise to continue the research being done two years ago on that subject. The readings, in fact, identify in writing the female representation of the space occupied by women in various social groups today. Thus, the selection of authors and their stories are considered as benchmark analysis to be achieved in light of the theoretical assumptions that support the research. The new era of women

---

<sup>1</sup> Projeto Probic/Letras 2010 Unifra

<sup>2</sup> Aluna bolsista-Curso de Letras/Probic-Unifra, Santa Maria – RS. tami.prass@bol.com.br

<sup>3</sup> Professora Mestre Orientadora: Curso de Letras/Unifra. martalialetras@gmail.com

began to require more effort and overhead functions, within and outside the family. But the performance of the same in different social segments, in fact, is innovative and something that deserves to be better assimilated. It raises concerns regarding feminist writing, focusing in particular tales of contemporary Brazilian writers such as: Cintia Moskovich, Marina Colasanti, Jane Tutikian among others. In the analyzed material aimed to identify factors that demonstrate the existence of feminist writing with their specific characteristics. Thus, the research presents its investigative nature and seeks to contribute to cultural studies today.

**Keywords:** Feminine writing. Acting. Contemporary reading.

## INTRODUÇÃO

A atuação feminina em diferentes segmentos sociais, de fato, é algo inovador e que merece ser estudado. Nas inúmeras obras de autoria feminina, cada autora foi registrando uma nova forma estética ou visão de mundo, sentimentalismos e denúncias, ficção ou realidade, diluindo a posição histórica e social que a ela foi imposta: de ser apenas mãe, esposa ou dona-de-casa. A mulher escritora, por sua vez, parece conseguir. Outorgar aos textos o que lhe foi, secularmente, negado: a voz e a vez. Com o passar dos anos, percebe-se uma crescente presença da voz feminina referente à opinião social, política e cultural. Ou seja, ela se faz mais presente no meio social, com suas ideias, reivindicações e sugestões. A figura feminina sempre foi vista como um ser frágil, sem capacidade para trabalhos ardorosos e simplesmente para ser a boa esposa, dona de casa e mãe. Mesmo com essa “rotulação” feita à mulher, aos poucos ela vai conquistando seu espaço e por meio da escrita expressa a sua sensibilidade de percepção, e, também, sua revolta diante de um mundo ainda desigual.

A sociedade, um tanto machista, ignorou por muito tempo a capacidade intelectual da mulher, salientando sua fragilidade física, como incapaz de pensamentos revolucionários, que expressassem seu inconformismo com a opressão sofrida, as discriminações de uma sociedade determinada por uma única autoridade: o homem. Nosso país passou por várias mudanças, passa e certamente continuará passando. A Proclamação da República no Brasil, por exemplo, causou uma descentralização no poder, tanto política como administrativa. Com isso a burguesia sempre esteve no comando e até os dias de hoje o que sempre predomina é o que os mais “ricos” estabelecem como moda, bonito ou feio, admirável ou não. Seguindo esse pensamento nossa cultura também sempre foi desvalorizada pelas elites do país, diante da cultura europeia, que é tomada como modelo a ser seguido.

A literatura feminista tem contribuído na conscientização e reflexão sobre as atitudes conservadoras dos indivíduos em uma sociedade, salientando as aparências psicológicas e sociais de seus personagens. Segundo Marilucia Caetano (2009) é possível perceber na linguagem feminina a quebra de frases e a interrupção de seqüências, isso permite que o leitor venha a ter participação na elaboração dos preceitos abordados, complementando-os e abrindo um leque de concepções

que poderão diluir a ideia de verdade única, imutável e pré-estabelecida, que fora imposto ao papel feminino.

Esta pesquisa enseja analisar contos que tenham como foco a mulher, suas diversas formas de representação e particularidades. A preferência por contos para análise deu-se devido à capacidade da natureza de brevidade e concisão universal que neles são encontrados com a possibilidade de se ter uma história, um tanto curta, mas completa.

No instante inicial, foram feitas leituras teóricas referentes ao contexto histórico para observação da formação cultural de nosso país. Em seguida, realizou-se a seleção de autoras contemporâneas que têm publicado contos que abordam o feminino, como campo de representação. E, por fim, leituras acerca do feminino para análise dos contos selecionados para a pesquisa.

## **CARACTERIZAÇÃO DO CONTO CONTEMPORÂNEO**

Um conto consegue envolver-se com o leitor, fazendo com que ele consiga ir às entrelinhas, possui poucos personagens, cenário limitado, espaço restrito. Os contos escritos por mulheres seguem o mesmo raciocínio e ainda contêm uma essência literária identificada, com estilos e ações diversificadas, partem do interior do seu ser, ao imaginário, da denúncia social ao amor, tomando como base momentos de seu próprio cotidiano, ou daquilo que gostaria que lhe acontecesse. A mulher expressa em sua escrita uma visão de que o ser é dividido em diversas partes, ou seja, o ser é bom e mal, alegre e triste, ambicioso e humilde, corajoso e covarde. Assim ela se faz transparente ao apresentar o indivíduo sem criar seres perfeitos ou imperfeitos de mais. Sua estrutura apresenta formas simples, mistura objetos naturais com fantásticos, mas normalmente trás à tona o verdadeiro, o real. Possui características como a universalidade, a generalidade e a mobilidade com o intuito de destacar a moralidade e o equilíbrio.

## **CONTOS SELECIONADOS**

No presente trabalho, os contos “Amor, corte e costura”, “A moça tecelã” e “Helena” foram objetos de análise para observação e apontamento de características ligadas à escrita e à temática feminina. O primeiro conto é de autoria da escritora Cíntia Moskovich, gaúcha, nascida em 15/03/1958, em Porto Alegre, também é jornalista e mestre em Teoria Literária. Autora de várias obras, já conquistou diversos prêmios como o prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro e o Prêmio Açorianos de Literatura. Destaca-se principalmente com temáticas referentes ao judaísmo e à condição feminina.

O conto “Amor, corte e costura” de Cíntia Moskovich inicia-se com a descrição de uma mulher, Helena, dedicada a seus afazeres, um exemplo de mulher esforçada, trabalhadora, que se quer nota o movimento do dia, o mundo que passa além de suas linhas e agulhas. O tocar da campainha tira-lhe de seu labor. Ela, uma

costureira de bons favos, recebia freguesas. Ao abrir a porta, vê uma mulher bem arrumada com um perfume que lhe causa repugnância de tão doce o cheiro e uma menina com aproximadamente seis ou sete anos. Helena já não costurava mais para crianças, mas com o pedido da mulher para fazer uma roupa para a enteada, e ao ver a timidez repentina da menina, não conseguiu falar e com sua voz travada apenas mandou que elas entrassem. Puseram-se ali sentadas e a escolher figurinos. Helena já estava angustiada. A demora pela escolha estava lhe cansando e aquela menina “serelepiando” pela casa, mexendo em tudo e se esticando toda para alcançar uma boneca de pano na prateleira já lhe dava arrepios. Finalmente a escolha é feita. A mulher, bem apessoada, chama a menina para mostrar o que deseja ser costurado para ela. Helena tira suas medidas e elas vão embora com a promessa de voltar no dia seguinte com os artefatos para a costura. Saem, e Helena tenta continuar seu trabalho de onde havia parado quando elas tocaram a campainha, mas estava com frio e as mãos já estavam cansadas. Resolve preparar o jantar.

No dia seguinte, bem cedo, lá estava à mulher com os artefatos. Tinha pressa e já queria saber quando seria a primeira prova. Helena recebeu-a, agarrou os materiais e dirigiu-se a sua máquina, linhas e agulhas para, como sempre, retornar à rotina de sua vida. Na quinta-feira era a prova do vestido, lá estavam elas. A menina desvestiu-se e Helena, com vagar e amor, ajudou-a a vestir a fazenda cortada. Por um momento, Helena se depara não somente com o cortar da tesoura, das agulhas e alfinetes em sua almofadinha aveludada bordô, mas com a meiguice, a leveza, a pureza e um olhar maleável de uma criança que era capaz de recompor tudo o que quisesse. Mas de repente toda aquela magia se desfez, Helena num descuido rasga a pele suave da menina com um alfinete e a garotinha põe-se a chorar.

Helena fica atormentada com o ocorrido, a mulher lhe exclamando: “coitada”, “o que fizeste?” Como solução a costureira recorre à boneca de pano que a menina havia brincado e adorado desde o primeiro dia que estivera lá. Em meio às lágrimas e aquele olhar triste, Helena se redimiou do descuido e após, falando baixo, avisou que voltassem no outro dia para pegarem a encomenda.

De autoria de Marina Colasanti, o outro conto observado é “A moça tecelã”. De descendência africana, Marina nasceu em 1938, em Asmara (Etiópia), morou 11 anos na Itália e desde então reside no Brasil. Autora de inúmeros livros de contos, poemas, crônicas e histórias infantis. Suas obras são caracterizadas pela reflexão que faz partindo de fatos cotidianos a respeito das situações femininas, de problemas sociais brasileiros, arte e amor sempre com estimulada sensibilidade.

No referente conto, a autora nos apresenta uma jovem tecelã, que mora sozinha e tece o seu dia a dia conforme lhe alegria, conforme ficam o dia e a noite mais bonitos e agradáveis. Ficar tecendo é seu único afazer, do qual gosta e muito.

Ao ficar tecendo e tecendo, se deu conta de como era sozinha e o quanto ruim isso era. Até que tem a ideia de tecer um marido. Fez um homem bonito, bem vistoso, quase que um príncipe encantado, o que toda mulher deseja, ou seja, perfeito. Mal havia terminado de tecer a ponta do sapato ele já batera na porta e

entrou. Ela muito feliz pensou que sua felicidade estaria completa se viesse um dia a tecer filhos também.

Num belo dia, o marido lhe cogita a necessidade de uma casa melhor; ela acha justo, pois agora eram dois. Então ele *exige* que ela escolha as mais belas lãs e comece logo, pois ele tem pressa. A casa fica pronta, mas já não lhe era mais o suficiente. Sem querer ouvir a opinião de sua mulher salientou: “Para que ter casa se podemos ter palácio?” e já *ordenou* que começasse a tecer. Ela fica dias, noites, semanas e meses trabalhando criando tetos, jardins, criados, salas etc. Não tinha mais tempo para olhar seu bem-estar nem o dia lá fora; tudo estava feio, frio, sem vida e triste.

Finalmente, aprontou tudo. Seu marido escolhe o cômodo mais alto da maior torre para ela ficar e tecer suas vontades; tudo para escondê-la, afinal, ela era uma mina de ouro que lhe dava tudo de bom que ele desejava, ou seja, uma empregada e não mais sua mulher.

Teceu todos os caprichos do marido e enquanto isso foi se dando conta de sua tristeza, que era pior do que ficar sozinha, e pensou sobre quão boa seria a solidão em vista da escravidão que estava a sofrer.

À noite, enquanto o marido dormia levantou-se serenamente e sem se importar começa a desfazer tudo: criados, palácio, todo o luxo. E não poderia ser diferente com aquele que pelos últimos meses tinha lhe feito escrava. Seu marido mal levantou da cama e também já estava sendo desfeito.

A felicidade reinou em seu peito novamente e com a linha mais clara teceu um delicado traço de luz que fez o dia mais bonito e que refletiu em todo o seu horizonte alegrando-a.

Jane Tutikian, também escritora gaúcha, nascida em 05/05/1952, em Porto Alegre é graduada, mestre e doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Autora das obras “Batalha Naval”, “Pessoas”, “A rua dos segretos amores”, “Fica ficando”, entre outros. Já ganhou vários prêmios, bem como, Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, Prêmio Açoriano, categoria infanto-juvenil, da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, o Prêmio Érico Veríssimo da Câmara Municipal de Porto Alegre etc. É notável em sua escrita a abordagem da mulher, assim como assuntos infanto-juvenis. No conto “Helena”, aqui selecionado para análise abordará o amor não correspondido de uma mulher.

Ao acordar pela manhã, a personagem sente que está abstrata e se compara à pintura de um quadro vazio, e isso não lhe parece bom. Afinal, significa que está sozinha, isolada, abandonada com a sensação de que ninguém a leva em consideração. Mas a grande questão está aí, em acordar abstrata, pois é por isso que tudo se torna mais dolorido, melancólico, triste etc. A personagem é tomada pela sensação de insatisfação.

Da noite passada restaram apenas as náuseas de um vinho barato e a percepção de que ela não deve jogar o jogo maluco do quero não quero do seu amor, porque ela quer e não sabe fugir disso.

Ainda na cama, olha pela janela e vê a maravilha do dia que está lá fora, um mar azul, um céu azul e um sol reluzente. Observa as pessoas que passam e para ela não são mais que vultos, sombras e percebe que não quer ver porque o que deseja não está próximo a ela.

Pega o telefone, tenta falar, tenta um contato, mas o gosto do vinho barato, o calor exaustivo do dia, o sentimento de abstração e o jogo do querer lhe perturbam. Já está cansada de ir à busca de alguém que lhe foge. Talvez essa abstração seja uma prova de que deve aceitar os fatos, mas não, Helena cede e cede com elegância, humor e dignidade. Ama profundamente, mas deseja uma vingança mesmo que mesquinha, que o outro esteja a sofrer pela sua ausência e quer que isso lhe doa, doa muito.

Essa vontade não significa que ela quer se vingar ou que lhe paguem alguma coisa, é apenas porque ela mesma descobriu que é sofrendo que se aprende e quem sabe assim ele aprenda a lhe amar. Queria que provasse do gosto amargo da dor que nela ecoa e que a vida é feita de pequenas finitudes e que um dia, temos sucesso; e em outro, fracasso. Queria lhe mostrar como nossos gestos são imperfeitos e muitas vezes imperceptíveis. Acordou abstrata e se viu uma mulher diferente, porém será ainda outra quando tomar consciência de que se tornou o passado na vida daquele alguém.

Desiludida não acredita mais no amor sincero, amor eterno que faz bem. Para ela, aquilo que ama é eterno dentro dela e nada mudará isso. Mas o amor desse outro alguém esconde a farsa de amá-la. Logo, ela diz sem pudor e impotente que sofra por sua ausência, que esse medo e farsa de amá-la lhe queimem. Só que deveras deseja que seu amor lhe procure, se pudesse tê-lo ali naquele pequeno quarto de hotel, se meteria embaixo dele, feito criança teimosa pediria e imploraria e choraria a dizer que precisa que o seu amor retorne.

Mas não, ela precisa manter a elegância e fazer com que entenda que não vai estar largada dormindo no quarto, de meias e com um pijama qualquer. Vai estar linda a espera de seu amor, com a mais bela camisola, cabelo feito seda, perfumada feito uma vagabunda fina só pra assustá-lo.

Se descobrir que seu amor dela tem pena, revela que dele tem medo, por olhar e não vê-la, como deveria, pois vive e não sente, mente e acredita, ama e não sabe.

Não tendo mais nada a dizer quer apenas paz. Fecha os olhos, vê, cheira, toca, ouve e quer ficar a sentir ela pousada nele, ele pousado nela. Pega o telefone, único meio para tentar chegar mais perto dele, mas está ocupado. Tenta de novo, de novo, de novo...

## **A REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS CONTOS: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Nos textos do meio literário que provêm de autoria feminina é perceptível a conscientização da autora referente a seu direito de se “autogovernar” e de sua liberdade ao momento que possui a oportunidade de trabalhar e criar sua independência financeira.

As escritoras começam a expor suas realidades que são interiorizadas, psicológicas ou introvertidas e que acabam superando o estágio que as mulheres sofreram, de dominação do masculino.

Segundo Nelly Novaes Coelho (1993) ao falar em uma possível escrita feminina que vai ser diferente da escrita masculina, ela ressalva que não é permitido abordar a literatura feminista antes que a forma seja entendida como uma maneira de se ‘representar’, ou um sopro vital, ou silêncios densos que envolviam a voz da mulher.

A escrita literária feminina normalmente nos apresenta experiências de vida, seja da mulher que escreve ou o relato de alguém a ela próximo, conhecido; logo, se trata de uma enunciação do ser que possui plena consciência de seu papel perante a sociedade. Essa consciência própria que é colocada pelas autoras pode ser notada na voz das personagens, do narrador etc.; relatando muitas vezes as diferenças entre sexos, que a sociedade assimilou, impedindo o desenvolvimento dos direitos de expressão de todos (homens e mulheres).

A literatura intimista, por exemplo, é uma grande característica da escrita feminina. Tem como propósito demonstrar o modo de ser ou estar da alma de cada indivíduo, suas perturbações e conflitos, assim como dificuldades sociais que se fazem presentes na sociedade. Essas ansiedades e divergências, normalmente ocorrem devido à ausência de afetividade no âmbito familiar, amores mal resolvidos que acabam dando origem às temáticas sobre a vida e a morte.

O intimismo na literatura brasileira representa um espaço especial, que por meio de seus vários momentos e gêneros narrativos, acaba por explicar sua origem e relevância na literatura. No Brasil, a maior representante dessa forma de expressão é a escritora Clarice Lispector. Suas obras fundamentam-se muito na intimidade dos personagens, com fatos cotidianos tentando encontrar a própria razão de existir. Um excelente exemplo disso são os contos que fazem parte de seu livro “Laços de Família”.

Nos contos aqui analisados, a figura feminina é representada, demonstrada, apresentada ao público leitor com características típicas da mulher de antes, de hoje e de todos os tempos. Com sonhos, qualidades, desejos e ideias. O conto da escritora Marina Colasanti, por exemplo, relata um fato muito comum e discutido na contemporaneidade. É notável a representação da figura feminina sendo inferiorizada diante o desempenho do ser masculino sobre ela. A tecelã idealiza um homem sem defeitos, companheiro, que fosse perfeito. Mas é mais do que



perceptível que não existe perfeição. Assim, como muitas mulheres que se cansam de seus “homens-chefes”, ela também deseja mudar, está cansada. Com isso, ao demonstrar que estar só é melhor que a atual situação, o conto vai confirmar o espaço feminino na contemporaneidade, livre de protótipos e submissões. A personagem representada pela tecelã consegue sua liberdade, independência, vence o meio ultrapassando padrões da sociedade e conquistando ainda mais sua liberdade de escolha.

Segundo Lobo (2006, p.15),

o feminismo hoje não significa apenas uma tomada de consciência e de ações da mulher como ser social autônomo, mas também como produtora de bens simbólicos e sujeito da própria escrita, com uma enunciação própria e que sabe de que lugar está falando. Ela é capaz de escrever uma nova história e criar uma nova identidade no plano pessoal e espaço social.

Não se pode deixar de dar o devido apreço à ideologia e à economia que se tem hoje, e estas encontram-se ligadas ao sexo para a sobrevivência das classes; os valores do liberalismo, os direitos humanos e individuais. Ter prestígio é um desejo de todos e está muito presente na sociedade; isso se associa à compra e desfrute de bens de consumo que faz com que o distanciamento entre pessoas e classes sociais cresça dia a dia. E falar em consumo pode-se sim associar à mulher, pois ela se detém cada vez mais a função de compradora; assim, é a ela que a maioria das publicidades se dirige “dignificando-a em função do homem, estimulando-a a comprar mercadorias que criam uma mística esfera de atração e usufruto masculino” (LARGUIA; DUMOULIN, 1982, p.36); ou seja, ela é rotulada em seus afazeres e no modo como deve ser, vestir-se, comportar-se, tudo para o agrado do sexo masculino.

O ser feminino deve se “mostrar” como uma mercadoria para ser bem aceita pelo homem, enquanto ele se promove socialmente pelo seu trabalho; ela, pelo sexo, aparência e boa “escrava”, usando do seu encanto, beleza e feminilidade. As propagandas e muitos segmentos sociais a massificam, propondo sempre a mulher ideal, ou seja, é ideal se for esbelta, de cútis aveludada e atraente. Logo, a publicidade, nos últimos anos, veicula a convergência de dois ideais: a mulher bela, que adere à moda; e a dona de casa, firmemente agarrada à cozinha.

A mulher moderna não encontra uma explicação racional para a sua situação histórica. Incapaz de compreender que a sua opressão provém da divisão do trabalho tomará atitudes de desforra contra o sexo masculino. (LARGUIA; DUMOULIN, p.38).

Não é nem um pouco admirável, muito menos novidade, que a mulher e os filhos foram considerados como propriedade do marido, por muito tempo. A mulher sempre teve a função de ajudar na administração da casa, mas não como ajuda financeira, ela poderia sair para trabalhar naquilo que lhe despertasse gosto e ter ao fim do mês seu simbólico salário; sua aptidão estava relacionada à casa, à



família, aos filhos, onde acreditava-se ser o lugar especificamente feminino, alheio à economia. Por conta disso, o trabalho feminino não agregava valor nenhum: limpar, cozinhar, cuidar dos filhos. Como ilustra a passagem dos autores LARGUIA e DUMOULIN:

[...] o machismo atua como vigilante policial tanto para impedir que eu me desmande como para deter todo o processo de humanização e tomada de consciência por parte do homem. O marido que compreende a sua mulher, que limpe, lave ou passe a ferro, tanto como ela, é considerado; em alguns meios sociais, como um deficiente físico e mental. Seco, antipático, pretensamente ameaçador, erguem-se o 'totem' da virilidade clássica. Não requer sacrifícios rituais; é pior, é um vampiro que nos suga milhares de milhões de horas de trabalho visível, desqualificado, não assalariado. (LARGUIA; DUMOULIN, p.32).

Apesar de todas as leis até então elaboradas em defesa da mulher, ela ainda continua, em grande parte dos ambientes, como “escrava” do lar, pois ela está atarefada pelos pequenos afazeres domésticos, que a transformam em cozinheira e ama; e, por outro lado, suas práticas sociais se ampliaram: trabalha fora, produz, é dinâmica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste estudo, cujas análises se deram com base nas características da escrita feminina, da mulher de ontem e hoje perante a sociedade e contos das escritoras Cintia Moskovich, Marina Colasanti e Jane Tutikian é possível verificar a crescente presença da mulher e a valorização que vem conquistando.

Considerando que a forma literária é o meio que melhor expande as manifestações referentes ao discurso que diminui a imagem da mulher frente à sociedade, rotulando-a como um ser de utilidade doméstica e de saciar desejos masculinos, a mulher vem se destacando e participando mais ativamente do meio social e cultural conquistando voz e vez.

Com o passar do tempo, as mulheres foram estudando, tendo suas próprias formas de pensar e de reivindicar igualdade de direitos. A mulher de hoje se torna autônoma, capaz de estudar, trabalhar, cuidar da casa e até mesmo de um filho, sozinha. Na escrita, dedica seus discursos à denúncia de injustiças sociais, salientando sua existência e tentando cada vez mais conscientizar e inspirar mudanças frente a seus direitos.

Assim, a maior vitória que o ser feminino obteve e continua a construir é se fazer um ser social, independente, responsável pelo seu próprio discurso, colaborando para a melhoria da condição humana, se utilizando de uma forma particular de observar o mundo a seu redor e denunciando aquilo que não julga estar devidamente igual a todos.

**REFERÊNCIAS**

BERND, Zilá. Olhares Cruzados. Porto Alegre: ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. Siciliano, São Paulo, 1993.

FREYRE, Gilberto. Manifesto regionalista. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1976.

HOHLFELDT, Antônio Carlos. Conto brasileiro contemporâneo. Porto Alegre: ed. Mercado Aberto, 1988.

LARGUIA, Isabel; DUMOULIN, John. Para uma ciência da Libertação da Mulher. São Paulo: global editora e distribuidora ltda., 1982.

LOBO, Luiza. Guia de escritoras da literatura brasileira. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

SCHIAVINI, Marilúcia Caetano. In.: *Disciplinarum Scientia*. Série: Artes, Letras e Comunicação/ UNIFRA, V.9, p.35-54 Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2009.